

**CABARET – DOS PALCOS PARA AVENIDA DO SAMBA**  
**A evolução histórica e representativa das comissões de frente:**

**Unidos da Vila Alemã**

*CABARET – SCENERY FOR THE AVENUE OF SAMBA*  
*The historical evolution and representative committees front:*  
*Unidos da Vila Alemã*

Marcelo José Rodrigues de Camargo  
Centro Universitário Belas Artes – Brasil  
[majcamargo@gmail.com](mailto:majcamargo@gmail.com)

**RESUMO**

Analisar a concepção criativa e o produto final do desenvolvimento de um tema de enredo de uma escola de samba do interior de São Paulo concentrando no setor da comissão de frente, que hoje é um dos mais importantes atrativos das agremiações, tendo como objeto de estudo o teatro musical, as diferenças entre o real e o que é transmitido no desfile, suas formas e representações, através das fantasias e alegorias apresentadas.

**Palavras-chave:** Comissão de Frente; Figurino; Fantasia.

**ABSTRACT**

Analyze the creative design and the end product of the development of a theme plot of a samba school in São Paulo concentrating in the area of the Front, which today is one of the most important attractions of associations, having as object of study theater musical, the differences between real and what is transmitted in the parade, its forms and representations through costumes and floats made.

**Keywords:** Front Commission, Costume, Fantasy.

**1. Comissão de Frente – um pouco de tudo**

Fazendo parte do contexto do desfile e também do tema apresentado por uma agremiação, as comissões de frente hoje em dia são um espetáculo a parte.

Além de abrir o desfile e mostrar um pouco do que a escola vai apresentar na avenida, elas estão cada vez mais envolventes e mostrando inovações e cativando o público. Sobre elas, Júlio Cesar Farias (2009, p. 17) cita em seu livro *Comissão de Frente – Alegria e Beleza pedem passagem* que:

[...] não importa o estilo, o fato é que como os demais segmentos de uma Escola de Samba, são extremamente importantes e necessárias, com a difícil missão de apresentar a agremiação, dando boas vindas ao público e abrindo caminho para todos os outros setores da Escola [...].

Hoje em dia, as comissões passaram a contar, muitas vezes, grande parte do tema enredo, quando não nos fala exatamente a introdução daquilo que será visto. Mas para explicar melhor essa evolução precisamos rever a trajetória desse elemento desde os primórdios e a importância que ele exerce para uma Escola de Samba.

### **1.1 Da cavalaria ao ilusionismo**

Buscando a origem da expressão "comissão de frente" nos deparamos com os verbetes de cada palavra no dicionário Houaiss, explicado por Elizeu Corrêa (2011, p.469), no artigo intitulado *Os Guardiões da Folia: Origem e Segregação nas Comissões de Frente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro*, no que diz respeito à palavra "comissão: (do latim *commissione*) conjunto de indivíduos encarregados de ocupar-se de determinado assunto". Já a palavra "frente é entendida como vanguarda que segundo sua origem é intitulada fileira, linha avançada de um exército". Dentro dessa simbologia, a comissão de frente era retratada como a guardiã de uma agremiação durante o seu desfile, que tinha como função proteger a ordem e a sobrevivência das praticas que eram consideradas grotescas e violentas do Entrudo, como afirmava Bakhtin (apud CORRÊA 2011, p.470) “[...] na prática, a festa oficial olhava apenas para trás, para o passado do que se servia para consagrar a ordem social presente”. As comissões de frente tiveram sua origem a partir do final do século XIX, quando abria os desfiles das grandes sociedades carnavalescas do Rio de Janeiro. Mais tarde foram também incorporadas aos cordões e às escolas de samba. De início, elas eram representadas por um grupo de homens elegantemente vestidos em casacas e cartolas, montados em cavalos

que desfilavam em frente às alegorias saudando o público e os jurados presentes. Mais tarde, incorporada às escolas de samba, a estrutura da comissão de frente se adaptou as novas formas de desfiles e os integrantes passaram a ser compostos por um grupo de homens respeitáveis da agremiação, em geral os fundadores, sambistas mais idosos, compositores e a diretoria da escola. O traje passou a retratar o estilo do malandro carioca com um peculiar terno branco ou com o fraque e cartola no modo mais tradicional.

Originalmente esta “ala” era composta por altos dignitários de cada escola, que desfilavam com ternos – geralmente brancos – cumprimentando o público. Com o passar do tempo, a função da comissão de frente foi se ampliando e hoje ela, além de cumprimentar o público e apresentar a escola (coisas que não podem deixar de ser feitas), realiza uma pequena representação de balé teatral, resumindo o enredo que será apresentado a seguir. (FERREIRA, 1999, p.85).

A Portela detém o fato de ter sido a primeira escola de samba a levar para o desfile a comissão de frente, no ano de 1935. A partir de 1938, após o grande *boom* inicial das comissões de frente das escolas existentes, esse quesito passou a ser obrigatório e julgado, fazendo parte do que seria a nova estrutura de desfiles carnavalescos. E para diferenciar das demais manifestações da festa, se tornou proibido o uso de qualquer tipo de veículo de tração animal ou de combustão dentro das comissões, regra essa que é seguida até os dias atuais. De início, as comissões de frente não faziam parte do enredo, se concentrando apenas na função de saudar o público e reverenciar a agremiação que a segue. A partir de 1960, quando os artistas plásticos começaram a chegar às escolas de samba, as comissões foram se modificando, os antigos trajes elegantes dos componentes foram se transformando em fantasias e entrando no contexto do tema enredo escolhido. Durante muito tempo, as comissões de frente foram compostas por homens, em sua maioria, negros que se trajavam elegantemente de fraque e cartola, inspirados nas roupas da alta sociedade e nos cassinos da época, para que pudessem dessa maneira criar uma imagem positiva das festividades carnavalescas perante a elite da sociedade.

O grande avanço na inovação das comissões se deu a partir de 1965 com a escola de samba Salgueiro, que decidiu ousar no setor colocando seus componentes devidamente trajados com fantasias que remetiam ao tema da época, que falava sobre a história do carnaval carioca pelos olhos de Eneida, uma historiadora da época. A fantasia foi chamada de “burrinhas”, que tinham como

significado a cavalhada feita em cortejo, à coroação do rei português tido como o primeiro movimento carnavalesco da cidade do Rio de Janeiro, como conta o então carnavalesco Fernando Pamplona.

Ainda na década de 1960, se tem notícia de mais uma grande mudança dentro de uma comissão de frente, a Imperatriz Leopoldinense trouxe como componentes 15 mulatas de 1,80m de altura cada, representando africanas dentro do tema “Brasil, flor amorosa de três raças”. Foi com esse desfile que se quebrou a tradição e hegemonia masculina.

Até 1970, mesmo com todas as inovações e trocas na estrutura das comissões, elas ainda continuavam sem apresentar danças ou qualquer outro tipo de movimentação que não fossem os usuais passos e gestos de saudação. Por consequência, esse tipo de movimentação se tornou regra básica dentro de uma comissão de frente e perdura até os dias atuais.

José Carlos Rego (1994, p.45) cita em seu livro *Dança do Samba – Exercício do Prazer* como se movimentavam essas “Alas” na época:

“[...] Seu efetivo limitava-se a caminhar vagarosamente, de terno, gravata, camisa, colete, sapato e chapéus rigorosamente idênticos. No antebraço o galhardete com as cores e o nome da agremiação. Elegantes e serenos, na frente do júri, das autoridades e em certos trechos do percurso, retiravam o chapéu e, em breve curvatura, realizavam a saudação. Caminhavam alinhados na horizontal e por vezes, adotavam a formação vertical da pista, para dirigir-se a um lado e ao outro.”.

Já o pesquisador Sergio Cabral (1973, p.59) descreve as mesmas comissões da década de 1970 da seguinte forma:

“[...] Uma espécie de ala especial que no início justificava o seu nome: desfilava, de fato, em frente da escola. De uns 15 anos para cá não tem mais lugar certo para sair: no meio ou atrás, quase nunca na frente, os seus integrantes não dançam. Andam normalmente cumprimentando o público, retirando o chapéu e fazendo um aceno com ele. Esse movimento geralmente é sincronizado. Também não se apresenta fantasiado. Seus integrantes apresentam-se de ternos, quase sempre brancos. A Comissão de Frente é constituída de diretores da escola e de veteranos. Algumas escolas de samba, porém, já quebraram várias vezes a tradição: apresentaram comissão de mulheres fantasiadas ou de homens também fantasiados”.

As afirmações descritas por Cabral se dá pelo fato que durante um período, entre 1965 e 1983, existia um elemento chamado “Pede Passagem”, que viria a se

tornar o atual “Abre Alas”, mas com uma estrutura menor e menos detalhada do que se é apresentado hoje. Ele trazia apenas o nome da agremiação e o seu símbolo e posterior a ele era apresentada a comissão de frente. Com o tempo e com a criação do sambódromo em 1984, essa tradição, que já vinha perdendo forças, foi totalmente abolida e dessa forma a estrutura do desfile de uma escola de samba passou a ser como a que conhecemos e vemos nos dias de hoje.

Em 1986, ano em que homenageava o lendário carnavalesco Fernando Pamplona, o Salgueiro, sobre o comando de Ney Ayan, ousou ao colocar onze comissões de frente, uma para cada quadro que contava os enredos criados por Pamplona para a agremiação entre os anos de 1960 e 1978. O ano de 1990 foi determinante ao que se refere à comissão de frente. Foi nele que a LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro) alterou o regulamento desse quesito. O fato se deu principalmente por conta da perda na pontuação da escola de samba Tradição, que em 1989 apresentou em sua comissão de frente uma composição feita por 18 bailarinos coreografados. Foi após o desfile magistral da então campeã do carnaval, Mocidade Independente de Padre Miguel, que apresentou uma comissão de frente vestida de Escafandros e se movimentando em câmera lenta, como se estivesse andando no fundo do mar que o luxo e a originalidade passaram a ser peças fundamentais e a concorrência entre as escolas para surpreender se tornou cada vez maior, criando espetáculos à parte na avenida do samba.

Em 1994 mais um elemento foi adicionado à estrutura do setor, outra vez a Mocidade Independente de Padre Miguel traria para a avenida uma novidade, uma alegoria passou a fazer parte da comissão da agremiação e foi justificada pelo carnavalesco Renato Lage como parte fundamental para contar o enredo proposto.

Eu pensei em fazer uma coisa diferente. Afinal, as escolas estão ficando a cada ano mais iguais. Não há qualquer impedimento previsto no regulamento ou nos critérios para o julgamento. O tripé faz parte do conjunto da comissão de frente, como se fosse parte da fantasia, a comissão vai se apresentar a pé. O tripé vai seguindo os integrantes, que farão sua coreografia no chão. As motos e o tripé apenas fazem parte do cenário. (LAGE, 1994, Jornal do Brasil).

Em 1997, a Beija-Flor, querendo acompanhar as evoluções do quesito, contratou a coreógrafa Ghislaine Cavalcanti, que formou um grupo com quinze bailarinas. Na época, a coreografia apresentada foi bastante criticada. Segundo Farias (2009), “alguns radicais do carnaval” chegaram a falar que o sentido do quesito havia se perdido, além de expressarem certo preconceito pela opção de ter somente integrantes do sexo feminino, já que consideravam que os passos estavam desvirtuando a função da comissão.

Já em 2003, Joãozinho Trinta introduziu efetivamente os tripés e alegorias - mesmo que em menores proporções do que atualmente - dentro da comissão de frente da Grande Rio. Essas alegorias faziam parte do conjunto e da indumentária dos integrantes desse grupo, que evoluíam durante o desfile subindo e descendo, compondo assim a relação com o tema e com a coreografia da ala. Em matéria sobre a cobertura do carnaval de 2004, publicada pelo Jornal do Brasil, em 25 de fevereiro, os novos rumos tomados pela comissão de frente a partir do que as agremiações passaram a apresentar foi tratado:

“[...] Foi-se o tempo daqueles velhos senhores abanando seus chapéus. Comissão de frente é assunto de profissional, gente que ganha à vida no quesito. Alguns analistas do carnaval abominam o caminho que as comissões tomaram. Acham que elas são teatrais além da conta. Observam que sua função original, apresentar com aquele devido respeito à agremiação que esta chegando, foi jogada no lixo. Basicamente, acusam esses coreógrafos moderninhos de fazerem muita papagaiada”. (FARIAS, 2009, p.39)

A comissão de frente foi sofrendo inúmeras mudanças com o passar dos anos, seguindo interesses e necessidades das escolas de samba e ganhando força perante o desfile. Foi se carnalizando e ganhando a função de elemento plástico, adquiriu novas funções acompanhando as tendências e se tornou importante para o gigantismo do espetáculo. Dessa maneira, se espera que a cada ano as comissões sejam singulares e surpreendam ao público e aos julgadores com novidades, sejam elas coreografias arrojadas, mirabolantes acrobacias, parafernalias eletrônicas, acessórios modernos ou maquiagens especiais.

Contudo, mesmo com todas as evoluções técnicas e coreográficas que as comissões sofreram com o passar dos anos, este setor continua sendo o primeiro contingente humano a pisar na passarela do samba. Em geral, espera-se que sua aparição seja impactante, com fantasias singulares e coreografias arrojadas.

Até então, as agremiações já haviam explorado todo e qualquer tipo de artifício para surpreender com suas comissões, até quem em 2010 o carnavalesco Paulo Barros, desfilando pela Unidos da Tijuca com o enredo “É Segredo”, criou mais um marco dentro da história das comissões de frente. Pela primeira vez, e com grande sucesso, usou-se truques de ilusionismo durante um desfile, truques simples que surpreenderam o público e originou uma nova era no quesito.

Cada vez está mais difícil fazer comissão de frente no grupo especial. Há que ter muita criatividade, muita pesquisa, porque é um quesito que vem evoluindo mais no sentido de crescimento como espetáculo. Eu já chamo isso de show de abertura. - Maria Augusta, carnavalesca e crítica de carnaval. (apud FARIAS, 2009, p. 44).

## **2. Willkommen ao Cabaret**

A ideia de trazer como tema da comissão de frente da Unidos da Vila Alemã, escola de samba pertencente à cidade de Rio Claro no interior de São Paulo, o musical “Cabaret”, fez com que se criasse um amplo estudo sobre o tema para poder surpreender ao público e ao mesmo tempo inovar com relação à indumentária e a alegoria que esse setor da escola traria para a avenida, sendo assim explorar a história de Sally Bowles seria inevitável.

Baseado no livro “Adeus Berlin” escrito em 1939 por Christopher Isherwood, a história se passa na Alemanha no início da década de 1930, quando o movimento nazista ainda criava forma e a maioria da população não esperava o quanto essa organização iria mudar a história mundial. Na cidade de Berlim, a corista inglesa Sally Bowles se apresenta dia após dia no Kit Kat Klub almejando seu sonho de se tornar uma grande estrela da UFA, espécie de Hollywood da época, Sally no decorrer da trama se apaixona por um escritor norte-americano o qual faz de tudo para agradar a garota, eventos paralelos ao romance dos protagonistas acabam tornando a história mais interessante e retratando de maneira dramática e às vezes cômica a Alemanha decadente anterior as guerras mundiais.

Originalmente montado na Broadway no ano de 1966, o musical “Cabaret” se mostrou um grande sucesso de público, tendo sua versão cinematográfica feita em 1972 estrelada por Liza Minelli, além de várias outras montagens ao redor do mundo, inclusive no Brasil na qual sua última versão, Sally Bowles foi interpretada por Claudia Raia.

Transformar os figurinos do musical em fantasias de carnaval acabou sendo um grande desafio, como de costume as vestimentas de uma comissão de frente vem sempre regadas de muito luxo e beleza e as referências tanto do filme, quanto do musical acabavam sendo muito simples para surpreender o público. No filme de 1972, a figurinista Charlotte Flemming<sup>1</sup>, optou em simplificar os figurinos e deixar o aspecto decadente mais em evidência, com isso as roupas utilizadas pelos personagens se concentraram em tonalidades escuras, como o preto e os tons de cinza, e sem muitos detalhes, contendo apenas um ou outro figurino, dependendo do contexto da história, que se sobressaia por estar mais adornado com acessórios. Já na montagem brasileira de 2012, o figurinista Fabio Namatame<sup>2</sup> escolheu ousar um pouco mais no visual dos personagens, deixando os figurinos um pouco mais coloridos, com mais brilhos e formas, trazendo um aspecto decadente e sensual sem chegar à vulgaridade e fazendo assim com que a vestimenta dos personagens dissessem um pouco mais sobre a personalidade dos mesmos. Nos dois exemplos os figurinistas tiveram sucesso em suas criações, marcando os personagens com seus figurinos e reproduzindo o ambiente esperado, mas para o carnaval ainda faltava um algo mais, a fantasia não poderia ser vulgar, não poderia faltar brilho, tinha que ser glamorosa mesmo que o contexto pedisse a decadência e dentre outros musicais pesquisados o cabaret era um dos únicos que tinha uma liberdade de criação tanto da parte cenográfica quanto da parte de figurino, pois a maioria das montagens pesquisadas tinha sua própria essência.



Figura 1. Cabaret 1972 – Figurino Charlotte Flemming<sup>3</sup>

<sup>1</sup> **Charlotte Flemming**, Figurinista norte-americana que desenhou vários figurinos de sucesso entre eles “Cabaret”, “O Mágico de Oz”, “O Pecado Mora ao Lado”, “Rebeldes Sem Causa” entre outros.

<sup>2</sup> **Fabio Namatame**, Ator, cenógrafo, maquiador, diretor de arte, figurinista, já concebeu figurinos para os mais variados veículos: teatro, ópera, cinema, televisão, tendo também recebido vários prêmios por seus trabalhos.

<sup>3</sup> **Figura 1**, disponível em [www.ccaminha.wordpress.com/page/12](http://www.ccaminha.wordpress.com/page/12) e [www.lavieenrosemoda.blogspot.com](http://www.lavieenrosemoda.blogspot.com) acessado em 20/04/2013.



## 2.2 A Criação

Como carnavalesco sei que a concepção de uma fantasia tem que levar em conta tudo o que ela represente, e acima de tudo o que ela pretende mostrar ao público sobre o tema que ela trás. Mais do que uma simples vestimenta, imaginar e contextualizar uma fantasia requer muita pesquisa e o que os olhos veem tem que transmitir toda a emoção que se quer alcançar.

À primeira vista adaptar uma das duas opções escolhidas como referência seria o mais fácil, porem escolher qual melhor se ajustava ao carnaval seria o mais complexo, as duas montagens continham atributos para se transformar em fantasias para a comissão, contudo, após pesquisar, escolheu-se os figurinos de Fabio Namatame para se tomar como base. Em cima dos rascunhos começou-se a trabalhar o que viria a se tornar a fantasia da comissão de frete.



Figura 2. Cabaret 2012 – Figurino Fabio Namatame.<sup>4</sup>

Após estudo detalhado e vários protótipos sem sucesso, descobriu-se que o resultado ficou inferior ao que era esperado e com isso a ideia de usar as cores e as texturas que Namatame usou para desenvolver o espetáculo brasileiro foi em vão, depois de varias tentativas chegou-se a conclusão que a melhor opção seria recriar os figurinos através do repertório do carnavalesco e tendo como base as referências das duas montagens anteriormente citadas. Com isso as fantasias teriam sua própria essência para transmitir ao público, que em sua maioria é leigo na cultura dos musicais, o que se esperava do “Cabaret” da Unidos da Vila Alemã.

<sup>4</sup> Figura 2, disponível em [www.br.blouinartinfo.com](http://www.br.blouinartinfo.com) e [www.vejasp.abril.com.br](http://www.vejasp.abril.com.br) acessado em 21/04/2013.

Apesar da aparência de “divina decadência”, como cita Charlotte Flemming ao falar sobre o figurino que criara para o filme “Cabaret”, na passarela do samba, as indumentárias não poderiam ter o mesmo aspecto, até mesmo porque, para o grande público, o impacto de uma comissão de frente luxuosa e exuberante chamaria mais atenção do que recriar com realismo o figurino original. A melhor solução encontrada foi então elaborar a própria versão dos figurinos, uma mistura das criações de Flemming e Namatame, utilizando da sobriedade de um e da ousadia do outro, o resultado final foi uma vestimenta que retratava um pouco da Alemanha dos anos 1930 misturado com o glamour das épocas atuais, com isso muito brilho, tecidos de caimento pesado, plumas e acessórios foram utilizados para levar esse ambiente para a avenida.

Definido então o visual, seria necessário agora adaptar a fantasia para a sua utilização em um desfile de carnaval, sem contar a necessidade de mobilidade que a veste precisava, afinal durante os 75 minutos de desfile os bailarinos dançam e se movimentam e qualquer avaria na fantasia pode ser um motivo para a perda de notas de julgamento. A cor preta foi definida como base, em cima da mesma trabalharia os tons de prata e esmeralda, remetendo as cores da agremiação, o verde e branco, os tecidos foram escolhidos de maneira a dar brilho, leveza e luxo para as indumentárias e para contrastar com todo esse aspecto uma alegoria faz às vezes do palco do famoso Kit Kat Klub. Três modelos diferentes de fantasias foram executados, o primeiro do elenco feminino consistia em um shorts de veludo molhado preto, para dar segurança e conforto durante a coreografia, um vestido justo de paetê também preto, com detalhes em prata e esmeralda além de uma casquete de rabos de galo preto dando o toque carnavalesco na fantasia, luvas de cetim e meia calça arrastão davam o toque final, já o segundo modelo consistia na fantasia do elenco masculino, que como na história original também são atrações nos palcos do club, um shorts de veludo com recortes em segunda pele e um cinturão de couro, todos na tonalidade preta, além de um suspensório prateado, que exercia o papel de gola, criou um ar sensual sem ser vulgar e em conjunto com a vestimenta feminina ambientavam o “Cabaret”, a terceira e última vestimenta era o elo entre todos os personagens, era a fantasia que representava o mestre de cerimônias, em suma a estrutura era exatamente igual à indumentária masculina com um único diferencial dado pelo casaco e pela cartola, ambos de paetê preto.

Na passarela do samba o resultado foi perfeito, a junção de alegoria, fantasia e coreografia fez todo o diferencial, o ambiente do “Cabaret” foi resgatado e conseguiu passar para o público exatamente o que quer mostrar obtendo notas máximas em todo o quesito e deixando mais uma vez a marca de ser uma comissão de frente surpreendente.



Figura 3. Comissão de Frente “Cabaret”.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> **Figura 3**, Comissão de Frente da Unidos da Vila Alemã representando o musical “Cabaret” – composição das fantasias carnavalesco Marcelo Camargo, Fotos: Luiz Fachola.

## Referências

BARROS, Paulo. **Sem Segredo – Estratégia, Inovação e Criatividade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

CABRAL, Sérgio. **Histórias das Escolas de Samba**. Rio de Janeiro: Rio Gráfica Editora, 1973.

CORRÊA, Elizeu. Os Guardiões Da Folia: Origem e Segregação Nas Comissões de Frente Das Escolas De Samba do Rio de Janeiro. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-graduandos de História**, Volume 43, p.469-479, jul/dez 2011.

FARIAS, Júlio César. **Comissão de Frente – Alegria e Beleza Pedem Passagem**. Rio de Janeiro: Litteris Editora, 2009.

FERREIRA, Felipe. **O Marquês e o Jegue. Estudo da Fantasia para Escolas de Samba**. Rio de Janeiro: Altos da Glória, 1999.

REGO, José Carlos. **Dança do Samba – Exercício do Prazer**, Rio de Janeiro: Aldeia, 1994.